

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - *Campus* São Carlos

CENTRO DE EDUCACAO E CIENCIAS HUMANAS (CECH)

CURSO DE PSICOLOGIA

**EXPLORANDO O OUTRO LADO: PERCEPÇÃO PATERNA DE PRÁTICAS
PARENTAIS POSITIVAS E NEGATIVAS**

THAIS FERNANDA ACCICA

São Carlos – SP

2024

THAIS FERNANDA ACCICA

**EXPLORANDO O OUTRO LADO: PERCEÇÃO PATERNA DE PRÁTICAS
PARENTAIS POSITIVAS E NEGATIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Psicologia da
Universidade Federal de São Carlos,
para obtenção do título de bacharel em
Psicologia.

Orientadora: Débora de Hollanda Souza

São Carlos-SP
2024

Agradecimentos

Aos meus pais e irmãos, que sempre me incentivaram em meus sonhos e não mediram esforços para que eu os conquistasse. Obrigada por sempre me cercarem de amor, carinho e por me proporcionarem a maior conquista da minha vida, até agora. Sei que vou longe por ter vocês ao meu lado, me apoiando e amparando sempre que necessário.

À minha orientadora Debora, por me orientar com tanto comprometimento e afeto, fazendo com que eu me apaixonasse pelo que faço hoje. Obrigada por ser presente e acreditar em mim até mesmo quando eu não acreditava, sou grata por ter crescido e amadurecido tanto com você, te vejo não apenas como um exemplo de profissional, mas como de pessoa.

À minha supervisora de estágio, Maria Cristina Di Lollo, por sempre me ouvir e acalmar minha mente nos momentos em que precisei. Cristina, minha nave mãe, sou grata por todas as trocas que tivemos ao longo da graduação, seu conhecimento e cuidado me inspiram.

Às minhas amigas, que considero irmãs, e ao Felipe, por terem feito da minha jornada na psicologia tão leve e bonita. Todo amor e afeto que tenho de vocês foi imprescindível para que eu chegasse até aqui, obrigada por serem presença e cuidado. Assim como quem eu sou hoje, a psicologia que escolhi exercer tem muito de vocês.

Às amigas que cultivei não apenas na Psicologia, mas na UFSCar e em São Carlos. Obrigada por me apresentarem um mundo tão diferente do meu e, mesmo assim, tão acolhedor.

Aos participantes dessa pesquisa, por tornarem esse trabalho possível e por superarem minhas expectativas. Muito obrigada por compartilharem comigo suas perspectivas e me ensinarem um pouco sobre a singularidade que é ser pai.

Resumo

As pesquisas sobre estilos parentais demonstram que pais que são comunicativos e afetuosos nas trocas com seus filhos e que, ao mesmo tempo, estabelecem limites de forma clara e consistente, promovem um ambiente propício para o desenvolvimento de crianças mais confiantes e com maior controle emocional. Por outro lado, práticas punitivas, em especial, as que incluem punição física (e.g., palmadas) são associadas a uma baixa autoestima a médio e longo prazo. Poucos estudos, no entanto, têm explorado a perspectiva da figura paterna sobre os efeitos positivos e negativos de diferentes práticas parentais. O presente estudo teve como objetivo, portanto, contribuir nesta direção ao fazer um levantamento da perspectiva paterna acerca das práticas educativas parentais. Cinquenta e seis pais de crianças de 5 a 12 anos participaram da pesquisa respondendo a um formulário criado na plataforma Google Forms. A primeira parte do formulário continha os itens do Inventário de Estilos Parentais (IEP) e a segunda parte incluiu perguntas específicas sobre práticas parentais. Vinte e cinco participantes (47.2%) obtiveram escores indicativos de um Estilo Parental Ótimo, entretanto, os dados qualitativos da pesquisa demonstram discursos inconsistentes com as práticas parentais positivas. A análise dos relatos sobre práticas parentais paternas também destaca o desejo dos pais de serem ouvidos, em especial, no que diz respeito à educação de seus filhos.

Palavras-chave: estilos parentais; percepção paterna; práticas parentais.

Abstract

Research on parenting styles demonstrates that parents who are communicative and affectionate in their interactions with their children and who, at the same time, set clear and consistent boundaries, promote a favorable environment to the development of children who become more confident and who have more self-control later in life. On the other hand, punitive practices, especially those that include physical punishment (e.g., spanking) are associated with low self-esteem in mid- and long-term. Few studies, however, have explored fathers' perspective on both positive and negative effects of parenting practices. The study aimed to contribute in this direction by asking fathers to share their beliefs on parental educational practices. Fifty-three fathers of children aged 5 to 12 years participated in the present study by responding to a questionnaire on the Google Forms platform. The first part of the form was the Parenting Styles Inventory (PSI) and the second part included questions about parenting practices. Twenty-five participants (47.2%) had final PSI scores indicating a great parental style, however, qualitative data pointed to a discourse that is inconsistent with positive parental practices. Data analysis also revealed fathers' wish to be heard, in particular, on what raising children is concerned.

Keywords: parenting styles, fathers' perspective, parental practices

Sumário

Introdução	6
Estilos Parentais.....	7
Práticas Parentais	9
Práticas Parentais Positivas e Parentalidade Positiva	11
Práticas Parentais Negativas: O Uso de Palmadas	12
Buscando novas perspectivas: O que as figuras paternas pensam a respeito?	15
Objetivos	16
Objetivos específicos	16
Método	17
Participantes.....	17
Instrumentos.....	17
Procedimentos	20
Resultados	21
Análise do Inventário de Estilos Parentais (IEP).....	23
Análise do Questionário de Práticas Parentais	24
Discussão.....	41
Considerações Finais	44
Referências	45
Apêndice 1	49

Introdução

O desenvolvimento sociocognitivo e socioemocional na primeira infância está intrinsecamente relacionado ao contexto familiar e às práticas parentais (Carroll, 2022; Landry et al., 2006). O campo de estudos sobre os efeitos do contexto familiar sobre o desenvolvimento infantil está em constante transformação, em especial, porque as relações pais e filhos têm também sofrido importantes mudanças ao longo das últimas gerações. É perceptível, por exemplo, na forma como os pais veem seus filhos. Se antes as crianças eram tidas como propriedade de seus pais e que tinham como função crescer para poder trabalhar e auxiliar no manejo do lar, atualmente, observa-se que os pais passaram a identificar seus filhos como seres subjetivos e com necessidades específicas (Holden, 2010).

Um conceito importante para esse campo de estudos é o de parentalidade, que contempla não apenas o referencial psicológico, mas também o antropológico, o sociológico e o jurídico. Entende-se parentalidade como um conjunto de estratégias aplicadas pelos pais, ou cuidadores com função parental, que têm como objetivo principal estimular o desenvolvimento e autonomia da criança. A parentalidade inclui conceitos que serão abordados nesse estudo, como a interação entre pais e filhos, práticas parentais e estilos parentais (Linhares, Altafim & Lotto, 2023). Este conceito, portanto, permite extrapolar o campo biológico, pautando-se principalmente nas dinâmicas de cuidado e afeto ao longo da infância, e que também considera o papel político no que diz respeito aos direitos da criança (Rocha & Araújo, 2023).

Quando se trata dos estudos acerca das relações familiares, a literatura acaba por se dividir em diferentes direções: o estudo sobre estilos parentais e o estudo acerca de práticas educativas parentais (Gomide et al., 2004). Dito isto, e compreendendo a família enquanto um agente da socialização e promotor de seguridade social e bem-estar das crianças (Rodrigues, 2019), o presente trabalho se pautou em ambas as teorias.

Estilos Parentais

Apesar de estudos acerca da parentalidade despertarem a atenção de diversos pesquisadores, foi Diana Baumrind quem propôs um modelo teórico explicativo que identificava estilos parentais e comportamentos dos seus filhos. Este modelo se tornou uma referência importante na Psicologia do Desenvolvimento (cf. Shaffer & Kipp, 2013). Em seus estudos iniciais, a pesquisadora elencou três padrões: autoritário, permissivo e autoritativo (*authoritative*). Este último padrão, por se tratar de uma palavra de difícil tradução, pode também ser encontrado na literatura como estilo democrático-recíproco ou competente (Weber et al., 2004). Neste projeto, iremos utilizar a tradução proposta por Weber e seus colaboradores.

Nos estudos de Baumrind, os pais que apresentavam estilo autoritário se valiam do controle e da obediência como forma de moldar o comportamento de seus filhos. Para estes pais, o respeito deve ser a base da relação, não havendo muitas trocas afetivas e estímulos que visem o encorajamento. As características observadas no comportamento de tais crianças foram, principalmente, o retraimento social, a desconfiança e o descontentamento. Além disso, foi observado que as crianças educadas por pais com tal estilo se portavam de forma menos independente quando comparadas às crianças com pais que seguiam o estilo autoritativo, por exemplo (Baumrind, 1971).

O modelo permissivo, por sua vez, é encontrado em cuidadores que, apesar de calorosos, acabam por não se mostrar controladores e/ou exigentes. De acordo com Baumrind (1971), os pais permissivos são aqueles que se comportam de maneira não punitiva, e, ao mesmo tempo, de forma receptiva aos impulsos da criança, fazendo poucas exigências acerca de responsabilidades. Posteriormente, foi observado que tais crianças se mostraram menos exploradoras e com menor autocontrole, além de possuírem menor autoconfiança (Baumrind, 1971).

Por fim, os pais que seguem o estilo autoritativo tendem a ser afetuosos e comunicativos, mas também são exigentes perante as responsabilidades dos filhos. Tais cuidadores estabelecem limites de forma racional, compartilhando suas decisões com a criança e buscando colocá-la como um indivíduo com interesses únicos e dono de sua própria subjetividade (Baumrind, 1971). Por se tratar de cuidadores com altas expectativas em relação às condutas de seus filhos, eles tendem a corrigir atitudes controversas, mas reforçam positivamente atitudes apropriadas (Cassoni, 2013). Como consequência, as crianças cujos pais adotam o estilo autoritativo são mais confiantes, centradas e tendem a ser mais exploradoras quando comparadas às crianças cujos pais apresentam um estilo autoritário ou permissivo (Baumrind, 1971). Fica evidente, portanto, que tal modelo se mostra como mais efetivo perante os demais (Weber et al., 2004)

Posteriormente, Maccoby e Martin (1983) propuseram um novo modelo de estilos parentais, que se diferencia do de Baumrind ao decompor o estilo permissivo em: indulgente e negligente, com o intuito de associar o uso de determinadas práticas educativas pautadas na exigência e na responsividade. Os pais de estilo indulgente seriam afetuosos e receptivos, porém se portam de forma extremamente tolerante e permissiva, sem estabelecer responsabilidades. Em contrapartida, os negligentes seriam aqueles que pouco se envolvem com a criança, mantendo-se distantes das atividades de interesse do filho e raramente demandando maturidade (Cassoni, 2013).

Pesquisas mais recentes sugerem que o estilo autoritativo é compatível com o desenvolvimento saudável dos filhos, uma vez que o envolvimento e a responsividade dos pais para com as necessidades das crianças favoreceram um melhor desempenho acadêmico e excelentes indicadores de desenvolvimento e competência social. Assim, compreende-se que, ao se colocar em uma posição bidirecional de respeito dentro do relacionamento, os pais acabam proporcionando mais autonomia e autoconfiança (Weber et al., 2004)

Práticas Parentais

As práticas parentais, por sua vez, envolvem um conjunto de ações que são empregadas pelos cuidadores para ajudar no desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais da criança. Tal conceito se diferencia do estilo parental, apesar dos dois estarem intrinsecamente relacionados. Estudos acerca dos estilos parentais estão focados em compreender e esclarecer de forma objetiva as consequências dos comportamentos dos pais sobre seus filhos, enquanto as práticas parentais estão focadas nas ações propriamente ditas (Cassoni, 2013).

Hoffman (1975), ao estudar a dinâmica das relações entre pais e filhos, observou que os pais, por possuírem maior poder sobre as necessidades materiais e emocionais de seus filhos, acabam por moldar o comportamento da criança de acordo com seus próprios interesses, sejam eles imediatos ou de longo prazo. Assim, ele propôs duas categorias de práticas disciplinares utilizadas pelos cuidadores para obterem seus objetivos, sendo elas: *estratégias indutivas*, que consistem em indicar à criança as consequências dos comportamentos tidos como impróprios, fazendo com que ela reflita acerca da necessidade de modificação e tenha maior autonomia nos seus atos; e *estratégia de força coercitiva*, que inclui punições, físicas ou emocionais – como ameaças e restrição de afetos (Cassoni, 2013).

No Brasil, posteriormente, Gomide (2004) identificou sete práticas educativas que compõem um estilo parental e que podem ser divididas em negativas- *abuso físico, punição inconsistente, disciplina relaxada, monitoria negativa e negligência*- e positivas – *monitoria positiva e comportamento moral*.

A *monitoria positiva* diz respeito à atenção depositada pelos pais nos seus filhos, havendo não apenas o reconhecimento das atividades que a criança desempenha em sua vida, mas também o uso de formas afetuosas para se comunicar com eles, propiciando um ambiente acolhedor para o desenvolvimento (Gomide et al., 2004). Já o *comportamento moral* diz respeito à maneira como os pais transmitem os valores julgados como essenciais para o

desenvolvimento moral de seus filhos, como honestidade, empatia, senso de justiça, por exemplo. Tal prática também é pautada em interações afetuosas (Sampaio & Gomide, 2017).

Em relação às práticas negativas, tem-se a *negligência* que é cometida por pais que não têm conhecimento das necessidades de seus filhos e, além de não assumirem suas responsabilidades, agem de forma fria e distante, podendo gerar sentimento de insegurança na criança (Sampaio & Gomide, 2017). A *punição inconsistente* é baseada no humor do educador, ou seja, ele será variável de acordo com o bom humor ou mau humor que os pais apresentarem em determinada situação. Desta forma, o que dita a relação é como os pais se sentem emocionalmente naquele dia, tornando o cuidado inconsistente, o que dificulta a compreensão da criança de suas próprias ações, isto é, o que é certo e errado, o que é permitido ou não (Gomide et al., 2004).

Ainda sobre práticas negativas, a *monitoria negativa* irá se contrapor à *monitoria positiva* uma vez que há um excesso de fiscalização que ocorre de forma hostil e repetitiva. Tal prática, muitas vezes, gera um estresse no ambiente familiar e pode acarretar comportamentos antissociais na adolescência. A *disciplina relaxada*, por sua vez, é caracterizada por práticas em que os pais estabelecem regras, porém acabam por não se valer das mesmas, agindo de forma agressiva e ameaçadora ao colocá-las, ao mesmo passo que se omitem quando não são cumpridas. Por fim, o *abuso físico* é autoexplicativo, pois ocorre quando os pais se valem da força física como forma de controle. Tais pais podem inclusive machucar a criança (e.g., espancamento, mordidas, sacudidas, chutes, etc.), podendo causar comportamentos antissociais, além de apatia, medo e desinteresse (Gomide et al., 2004).

Em relação à forma como os pais escolhem quais práticas são mais eficientes, Hoffman (1975) argumenta que raramente os pais se apoiam em práticas visando o comportamento final da criança, ou seja, se haverá adesão ou não dela ao que lhe for solicitado. Ao invés disso, os

pais costumam se basear no humor prevalente no dia, em suas próprias experiências passadas, e suas projeções acerca do que a criança deveria fazer ou ser futuramente (Hoffman, 1975).

Práticas Parentais Positivas e Parentalidade Positiva

Como citado anteriormente, há vários tipos de práticas parentais que podem ser desempenhadas das mais diversas formas (Gomide et al., 2004). Neste sentido, as práticas parentais podem ser divididas entre práticas negativas e práticas positivas, sendo as negativas aquelas em que há ausência de afetos e atenção, bem como o uso de punição como forma disciplinar. Por outro lado, as práticas positivas são caracterizadas por estratégias de resolução de conflitos, comunicação e interações afetuosas entre os envolvidos (Rodrigues, 2019).

Segundo Landry et al. (2006), a responsividade é um aspecto importante da parentalidade e se baseia em respostas contingentes às necessidades da criança, bem como apoio emocional afetivo, apoio ao seu foco de atenção e uso de uma linguagem que seja condizente com as necessidades de desenvolvimento do bebê. Acredita-se que, ao fazer uso de tais comportamentos responsivos, a capacidade de autorregulação emocional, bem como a confiança e o vínculo com o cuidador principal seja fortalecida. Ademais, no que diz respeito ao apoio emocional, destacam-se práticas como incluir afeto positivo (e.g., sorrisos), e evitar afetos negativos, (e.g., aspereza no tom de voz), (Landry et al., 2006).

Considerando que as práticas parentais impactam diretamente o desenvolvimento da criança, há um interesse cada vez maior em estratégias que possam ajudar os pais a desenvolverem competências e práticas positivas. Em países da Europa, como Portugal, por exemplo, a parentalidade positiva surge enquanto um conjunto de orientações recomendadas pela Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens (CNPDPJ, 2006). No documento, desenvolvido em 2006, pelo Comité de Ministros do

Conselho da Europa para os Estados-Membros sobre a política de apoio à Parentalidade Positiva, o conceito foi definido da seguinte forma:

Define-se como um comportamento parental baseado no melhor interesse da criança, que assegura a satisfação das suas necessidades e a sua capacitação, sem violência, proporcionando-lhe o reconhecimento e a orientação necessários, o que implica o estabelecimento de limites ao seu comportamento, para possibilitar o seu pleno desenvolvimento. (p.3)

O documento também conta com uma série de recomendações que visam, principalmente, um objetivo maior: estabelecer políticas e programas que sejam condizentes com a promoção da parentalidade positiva, fornecendo recursos materiais, psicológicos, sociais e culturais para que as relações familiares sejam construídas com respeito, sem negligência e violência de cunho físico ou psicológico.

No Brasil, os estudos acerca da parentalidade positiva ainda são limitados, todavia, é possível observar um certo interesse pela temática nas redes sociais, por exemplo. Além disso, assim como em diversos países, há também programas de orientação parental que já foram implementados. Estes são encontrados nos mais variados formatos, como treinos parentais, terapia familiar e/ou formação parental. Tais intervenções, de cunho educativo e orientadas por Profissionais de Educação Parental (PEP), se propõem a intervir na parentalidade de forma processual e respeitosa, tendo em vista que não têm como objetivo formar profissionais na área, mas sim auxiliar os pais na jornada de educar com informação, orientação e suporte (Carvalho et al., 2019).

Práticas Parentais Negativas: O Uso de Palmadas

Uma prática parental negativa envolve o uso da punição que, segundo Skinner (1953), pode garantir suspensão imediata do comportamento que se deseja reprimir, no entanto, o

próprio Skinner se posiciona contra o uso da punição, argumentando que o uso de tal prática gera subprodutos indesejáveis, sendo um deles o trauma emocional (Todorov, 2001).

Como visto anteriormente, Gomide et al. (2004) elenca diferentes formas de punição como prática educacional negativa. Quando se trata do abuso físico, é importante destacar que há uma tênue linha que diferencia a punição corporal do abuso físico propriamente dito. Enquanto a punição corporal envolve ações que não deixam injúrias físicas graves (e.g., palmadas, tapas, chineladas), o abuso físico é caracterizado pelo risco à integridade da criança, como socos, chutes, queimaduras etc. Neste sentido, o abuso físico pode ser considerado uma prática que pode evoluir da punição corporal (Gershoff, 2002).

Há evidência robustas de que o uso de palmadas é associado a déficits no desenvolvimento emocional, problemas com saúde mental e fragilização dos laços afetivos com os pais (Finkelhor et al., 2019). Além disso, a prática se torna excepcionalmente perigosa uma vez que, quando usada, pode fazer com que a punição corporal e a dor física sejam associadas pela criança com amor, tendo em vista que, muitas vezes, o discurso amplamente utilizado pelos pais após a punição corporal é de que isso ocorreu pelo bem dela e porque a amam. Assim, após haver o emparelhamento de estímulos, ela poderá utilizar os mesmos métodos punitivos em suas relações ou até mesmo aceitar atitudes violentas, sem questionar o caráter agressivo e perigoso da relação (Weber, et al., 2004).

No Brasil, o uso de punição com castigos físicos ainda é amplamente utilizado como método educativo. Para alguns autores, há, inclusive, uma “mania de bater” que perpassa gerações e advém da origem colonial brasileira (Ribeiro, 2014).

De acordo com o portal eletrônico do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, [s.d.]), a Convenção sobre os Direitos das Crianças adotada pela Assembleia da ONU em 1989 e que passou a valer a partir de setembro 1990, foi ratificada por 196 países, incluindo o Brasil. Em sua primeira parte, o documento prevê no Artigo 19:

Os Estados Partes devem adotar todas as medidas legislativas, administrativas, sociais e educacionais apropriadas para proteger a criança contra todas as formas de violência física ou mental, ofensas ou abusos, negligência ou tratamento displicente, maus-tratos ou exploração, inclusive abuso sexual, enquanto a criança estiver sob a custódia dos pais, do tutor legal ou de qualquer outra pessoa responsável por ela.

Além disso, em 2014, Dilma Rousseff sancionou a Lei nº13.010, popularmente conhecida como Lei Menino Bernardo. Tal lei foi responsável por incluir no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) o artigo 18-A, que descreve:

Art. 18-A. A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, 14oloc-los, 14oloc-los ou 14oloca14-los.

Parágrafo único. Para os fins desta Lei, considera-se:

I – castigo físico: ação de natureza disciplinar ou punitiva aplicada com o uso da força física sobre a criança ou o adolescente que resulte em:

a) sofrimento físico; ou

b) lesão;

II – tratamento cruel ou degradante: conduta ou forma cruel de tratamento em relação à criança ou ao adolescente que:

a) humilhe; ou

b) ameace gravemente; ou

c) ridicularize.

Não obstante, em 2023, a Sociedade Brasileira de Pediatria lançou a campanha “Diga não à violência”, visando a conscientização dos pais acerca das marcas que a violência corporal e psicológica pode causar na vida de uma criança. A proposta surge após o alarmante dado de 103.149 crianças e adolescentes mortos em decorrência de agressão física entre 2010 e 2020.

Ainda que muitas pesquisas evidenciem os efeitos contrários da punição física, nota-se que os pais não possuem um conhecimento aprofundado acerca do assunto (Weber et al., 2004). De acordo com o guia publicado pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI, 2015), em parceria com a ONG *Save the Children*, um dos motivos pelos quais os adultos batem em seus filhos é justamente a falta de conhecimento de práticas educativas positivas e dos efeitos nocivos do uso de punição física.

Buscando novas perspectivas: O que as figuras paternas pensam a respeito?

Desde que a inserção da mulher no mercado de trabalho se tornou uma realidade, o modelo patriarcal de organização familiar vem sendo questionado. Com isso, foram surgindo novos arranjos familiares e a paternidade começou, mesmo que de forma sutil, a ganhar destaque nas pesquisas científicas (Prado & Abrão, 2014).

Entretanto, Prado & Abrão (2014) lembram que grande parte das pesquisas acerca de estilos e práticas parentais são respondidas por mães. Foram levantados três possíveis motivos pelo qual essa lacuna ainda é tão grande no campo científico: a primeira é de que as mulheres ainda são vistas como cuidadoras primárias, enquanto os pais são tidos como provedores financeiros. Em segundo lugar, há a crença de que, em razão do endosso destes papéis sociais somado à ausência como consequência do trabalho fora de casa, os pais não se engajam na mesma medida em cuidados diários (Cabrera et al., 2018). No Brasil, inclusive, é possível perceber que tais crenças são fundamentadas quando se analisa a forma como o Estado lidou com a inserção da mulher no mercado de trabalho e em como foram criadas as medidas de

incentivo à natalidade, uma vez que todas elas atribuíram ao homem o papel central de provedor (Sorj & Fraga, 2022). O terceiro aspecto levantado pelos autores é o de que houve um aumento no número de mães solo e, assim, a perspectiva materna foi ainda mais enfatizada, desconsiderando que mesmo não residindo no mesmo ambiente, a presença paterna é importante para o desenvolvimento da criança (Cabrera et al., 2018).

Apesar do estudo de Cabrera et al. (2018) levantar o questionamento importante de que as pesquisas atualmente são, em sua grande parte, destinadas à perspectiva materna, mesmo quando não há esse recorte, a maior parte dos participantes respondentes nas pesquisas sobre parentalidade e interações familiares são figuras femininas. Assim, o presente projeto tem como objetivo contribuir nesta direção, investigando a perspectiva dos pais sobre práticas educativas parentais positivas e negativas.

Objetivos

O principal objetivo do presente estudo foi investigar as percepções paternas acerca de práticas parentais positivas e negativas.

Objetivos específicos

1. Identificar os estilos parentais paternos predominantes com base nas práticas parentais utilizadas;
2. Analisar a perspectiva dos pais sobre o uso de palmadas como medida educativa;
3. Investigar se os pais possuem conhecimento sobre práticas parentais positivas e negativas, e comparar com as respostas do Inventário de Estilos Parentais (IEP).

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 56 pais, com idades variando entre 27 e 65 ($M=42,6$ anos; $DP=7,75$ anos). No entanto, dados de dois participantes foram excluídos da análise porque o critério de idade dos filhos (5 a 12 anos) não foi atendido; e os dados de um participante foram desconsiderados porque ele não se encaixava no critério de figura paterna (i.e., utilizou um e-mail com nome feminino e respondeu às questões abertas utilizando artigo definido de gênero feminino). Todos foram recrutados nas redes sociais como, por exemplo, grupos de Facebook, Instagram e WhatsApp.

Instrumentos

O instrumento de investigação empregado foi um questionário online feito no Google Formulários, que contou com cinco seções, sendo as duas primeiras referentes à apresentação da pesquisa e ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A terceira seção contou com perguntas sobre o participante e seu filho(a), como idade (do pai e da criança), configuração familiar e gênero da criança. A quarta seção continha uma versão adaptada para aplicação online do Inventário de Estilos Parentais (IEP) (Gomide, 2011) e a quinta seção incluía questões sobre as crenças e atitudes sobre práticas parentais positivas e negativas.

Inventário de Estilos Parentais – IEP (Gomide, 2011). Este inventário foi desenvolvido com o objetivo de possibilitar que psicólogos identifiquem o Estilo Parental utilizado pelos pais na educação de seus filhos(as) (Gomide, 2011). Tal instrumento, após oito anos de pesquisas de validação, foi aceito pelo Conselho Federal de Psicologia em 2005 como teste psicológico¹. O

¹ O instrumento tem parecer desfavorável pelo SATEPSI desde 31/12/2022 em razão dos estudos de normatização estarem vencidos.

inventário também pode ser utilizado como instrumento de pesquisa, (Gomide & Sampaio, 2007) indicando quais práticas parentais se encontram em déficit e quais são adequadas de acordo com o desenvolvimento da criança (Gomide, 2011).

O IEP possui duas formas de aplicação: uma para pais (mãe e/ou pai) responderem e uma para os filhos(as) responderem. No presente estudo, será utilizada apenas a que considera a perspectiva dos pais.

O inventário possui 42 questões sobre estilos parentais e é dividido em sete eixos: 1. Monitoria positiva (e.g., “Pergunto como foi seu dia na escola e o ouço atentamente”); 2. Comportamento moral (e.g., “Ensino meu filho(a) a devolver objetos ou dinheiro que não pertencem a ele(a).”); 3. Punição inconsistente (e.g., “Quando meu filho(a) faz algo errado, a punição que aplico é mais severa dependendo de meu humor”); 4. Negligência (e.g., “Meu filho(a) fica sozinho em casa a maior parte do tempo”); 5. Disciplina relaxada (e.g., “Ameaço que vou bater ou castigar e depois não faço nada”); 6. Monitoria negativa (e.g., “Controlo com quem meu filho(a) fala ou sai”); 7. Abuso físico (e.g., “Bato com cinta ou outros objetos nele(a)”). Os participantes foram instruídos a relatarem a frequência desses comportamentos por meio de uma escala likert de 10 pontos (0 a 2 = nunca, 3 a 7 = às vezes, 8 a 10 = sempre).

Para a apuração dos escores do IEP, as 42 perguntas do inventário de Gomide (2006) são divididas em 6 perguntas para cada variável. O cálculo do Índice de Estilo Parental é feito através da fórmula:

$$iep = (A + B) - (C + D + E + F + G)$$

A representa “Monitoria Positiva” e B “Comportamento Moral”, sendo que ambas são práticas positivas. Entre as práticas negativas, C refere-se à “Punição Inconsistente”; D à “Negligência”; E à “Disciplina Relaxada”; F à “Monitoria Negativa”; e G à “Abuso Físico”.

O resultado obtido (iep) pode ser negativo, indicando um maior uso de práticas parentais negativas (punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso

físico), ou positivo, indicando um uso mais frequente de práticas parentais positivas (monitoria positiva e comportamento moral), de acordo com Gomide (2006). Após o cálculo do escore normatizado, é feita a interpretação e identificação do estilo parental: escores de 80 a 99 indicam um Estilo Parental Ótimo, em que há predominância de práticas parentais positivas e não há presença de práticas negativas. De 55 a 75, tem-se um Estilo Parental Regular Acima da Média, encontrando-se presença de práticas negativas, porém em pequena proporção. Recomenda-se aconselhamento e orientação para aprimoramento aos pais desse estilo parental. Escores de 30 a 50, o Estilo Parental é Regular Abaixo da Média; neste, as práticas positivas não são completamente ausentes, porém aparecem em menor proporção. Aconselha-se a participação em grupos de treinamento de pais. Por fim, escores entre 1 e 25 sugerem o Estilo Parental de Risco, em que as práticas parentais são predominantemente negativas. A autora sugere que os pais que possuem esse estilo parental considerem participar de programas de intervenção terapêutica com foco em apontar as consequências de uso de práticas negativas. Esses programas podem ser realizados em grupo, casal ou individualmente (Gomide, 2006).

Questionário de Práticas Parentais. Este instrumento foi criado para o presente estudo com o objetivo de fazer um levantamento do nível de conhecimento dos pais das diferentes práticas parentais positivas e negativas, em especial, identificar a perspectiva dos pais acerca do uso da prática negativa da palmada como consequência de comportamentos considerados inadequados de seus filhos(as). Por fim, as respostas dos participantes a este questionário permitiriam analisar se tais crenças e atitudes estariam alinhadas com o conhecimento atual sobre práticas parentais.

Para alcançar tais objetivos, foram incluídas 11 questões, sendo nove questões abertas, uma questão em escala likert de 5 pontos (0 = nunca, 5 = sempre), e uma questão de múltipla escolha. As perguntas do questionário foram: 1. “Que práticas parentais seus pais utilizaram com você e que você tenta reproduzir com seus filhos(as)?”; 2. “Que práticas parentais seus

pais utilizaram com você e que você tenta NÃO reproduzir com seus filhos(as)”; 3. “Você já leu algum material sobre educação parental? Se sim, você consegue lembrar fontes de informação que foram particularmente úteis? Quais?”; 4. “O que você acha importante garantir na educação de seus filhos(as)”; 5. “Como você costuma lidar com comportamentos considerados inadequados de seu(sua) filho(a)”; 6. “O que você costuma fazer quando seu(sua) filho(a) se comporta bem?”; 7. “Com que frequência você usa palmadas como consequência para comportamentos inadequados?”; 8. “O que você pensa sobre o uso de palmadas como consequência de comportamentos inadequados?”; 9. “Você consegue identificar alguma prática alternativa ao uso de palmadas que pode ser eficiente? Quais?”; 10. “Você já ouviu falar sobre práticas parentais positivas ou parentalidade positiva?”; 11. “Caso tenha respondido que sim na pergunta acima, o que você sabe sobre práticas parentais positivas ou parentalidade positiva?”.

Procedimentos

Etapa 1 – Condução dos procedimentos éticos

Os participantes só integraram o estudo após aceitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) na primeira seção do google form (ao clicar na opção “Li e aceito participar”). Além disso, foi assegurado o sigilo das informações obtidas, a forma de divulgação dos dados e a possibilidade de desistência do participante a qualquer momento da coleta, sem qualquer tipo de prejuízo.

Etapa 2 – Recrutamento dos participantes

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) UFSCar, os participantes foram convidados a responder a pesquisa por meio de redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, através de uma publicação-convite contendo o tema da pesquisa,

público-alvo e contato das pesquisadoras. Em caso de interesse, era avaliado se o participante fazia parte da população alvo da pesquisa (pais de criança de 5 a 12 anos de idade) e eram enviadas as informações e orientações gerais. Se havia interesse do participante, uma conversa prévia de 15 minutos era agendada via Google Meet para que a pesquisadora pudesse apresentar a pesquisa.

Etapa 3 – Coleta de dados

Após a leitura e aceite do TCLE, os participantes tinham acesso às seções referentes aos dados de caracterização dos participantes, ao Inventário de Estilos Parentais e ao questionário de práticas parentais.

Etapa 4 – Análise de dados

Os dados do Inventário de Estilos Parentais foram analisados de acordo com as instruções do manual. Para o questionário de práticas parentais, as respostas foram transcritas inicialmente. Em seguida, foi feita uma análise de distribuição de frequência das respostas, bem como uma análise temática das respostas às perguntas abertas.

Resultados

Inicialmente, dados descritivos dos participantes do presente estudo (Tabela 2) e de seus/suas filhos/as (Tabela 3) são apresentados.

Tabela 2*Caracterização dos participantes: pais*

	N	%
Faixa Etária*		
18-30	2	3,77%
31-40	19	35,84%
41-50	26	49,05%
51-60	2	3,77%
61-70	3	5,66%
Não informado	1	1,88%
Etnia/raça**		
Branca	36	67,92%
Preta	7	13,20%
Parda	7	13,20%
Indígena	2	3,77%
Amarela	0	0
Prefere não dizer	1	1,88%

Nota: N= número de participantes; % = porcentagem de participantes.

*Em anos

** De acordo com a classificação do IBGE

A Tabela 3 apresenta as informações coletadas sobre os/as filhos/as.

Tabela 3*Caracterização dos filhos*

	N	%
Gênero da criança		
Masculino	18	33,96%
Feminino	15	28,30%
Possui de ambos os gêneros	17	32,07%
Não informado	3	5,66%
Quantidade de filhos		
Filho único	21	39,62%
Mais de um filho	32	60,38%

Além das informações contidas nas duas tabelas, também foi questionado quais são as pessoas que moram com o participante. A maior parte deles (60,37%) convive com seu filho e parceiro(a), e 9,43% responderam que moram com os filhos, mas não especificaram se há outras pessoas na residência. Um participante (1,88%) declarou morar com o filho e com outros familiares que não se configuram como parceiro(a) afetivo. Cinco participantes (9,43%) relataram morar com o/a parceiro/a, mas não especificaram se moram com os filhos e um (1,88%) declarou que recebe os filhos quinzenalmente. Quatro participantes (7,54%) relataram morar sozinhos, três (5,66%) não especificaram e, por fim, dois (3,77%) não responderam ou deram uma resposta incompreensível.

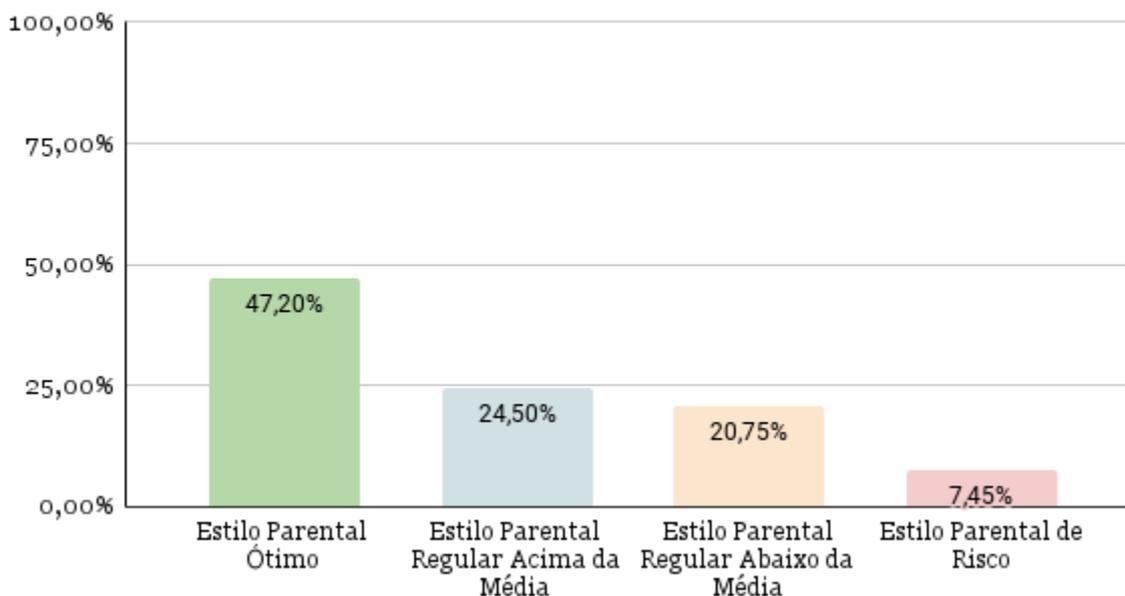
Análise do Inventário de Estilos Parentais (IEP)

O instrumento foi analisado de acordo com as instruções do Manual de Aplicação do IEP de Gomide (2006). Para isso, as respostas coletadas via Google Form foram inseridas em uma planilha, de forma que fosse possível quantificar e interpretar os resultados, conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1

Distribuição dos participantes (N) de acordo com os seus estilos parentais

Resultado Inventário de Estilos Parentais



De acordo com a análise dos dados dos 53 participantes, apenas quatro (7,5%) obtiveram escores equivalentes a um Estilo Parental de Risco. Onze pais (20,8%) se enquadraram no Estilo Parental Regular Abaixo da Média, sendo um deles com prevalência de práticas negativas, isto é, seu escore foi de -1, porém, de acordo com os dados normativos das práticas educativas paternas (ver Gomide, 2006), o escore de corte para Estilo Parental de Risco é de -3, logo, aqueles que pontuaram -2 e -1, como no caso deste participante, são considerados como tendo um “estilo regular abaixo da média”. Treze pessoas (24,5%) foram consideradas pais de Estilo Parental Regular Acima da Média e, por fim, vinte e cinco dos respondentes (47,2%) são pais de Estilo Parental Ótimo.

Análise do Questionário de Práticas Parentais

O questionário de práticas parentais (ver Apêndice I), construído para o presente estudo, foi submetido a uma análise temática (Braun & Clarke, 2022; Souza, 2019). Assim, as respostas abertas foram analisadas em uma busca por padrões, os quais viriam a se tornar categorias. A

partir de tais categorias, foi possível identificar temas que pudessem relacionar os códigos de maneira clara e objetiva.

A frequência de cada tema é o número de vezes que este tema aparece em todas as respostas analisadas. É importante ressaltar, no entanto, que as respostas abertas dão maior liberdade de escrita aos participantes, assim, é possível que a resposta de um mesmo participante contemple mais de um tema.

A Tabela 4 apresenta os temas (e as características que os definem) encontrados nas respostas à pergunta 1 do questionário de práticas parentais:

Tabela 4

Análise Temática: Q.1. Que práticas parentais seus pais utilizaram com você e que você tenta reproduzir com seus filhos?

Tema	Características
Diálogo	Uso do diálogo como forma de respeito e presença, aproximando-se das atividades que são importantes para o filho(a).
Educação	Proporcionar acesso a oportunidades, valorizar o desempenho escolar e incentivar a leitura e práticas culturais.
Tempo de qualidade	Ser presente e buscar sempre fazer atividades cotidianas juntos, como refeições e ajudar nos estudos, e ter momentos de lazer.
Punição	Usar castigos como forma de educar.
Valores éticos	Ensinar sobre valores morais, respeito para com o outro, com o ambiente e animais. Ensinar, também, sobre valores materiais.
Afeto	Dar carinho, abraços, beijos como forma de valorizar o filho(a). Demonstrar segurança e amor entre pais e filhos.

Segurança	Promoção de um ambiente seguro e acolhedor.
Nenhuma	Pais que buscam romper com a educação tradicional, indo pelo caminho inverso do que foi experienciado.
Outros	Refere-se a categorias que não foram contempladas por outros temas (e.g., espiritualidade e presença de babás)
Sem Resposta	Perguntas que não foram respondidas pelo participante.

Valores Éticos foi o tema que mais apareceu nas respostas, sendo mencionado por 24 participantes (45,3%), acompanhado do tema Diálogo, que foi mencionado 19 vezes (35,8%). Tempo de Qualidade apareceu em 10 respostas (18,8%) e Educação em 8 (15%). Respostas relacionadas a Afetos foram identificadas 7 vezes (13,2%) e relacionadas ao tema Ambiente Seguro e ao tema Punição apareceram 3 vezes (5,6%) cada. Quatro respostas (7,5%) foram de pais que buscam romper com as experiências vividas em sua infância, ou seja, não reproduzem os comportamentos de seus cuidadores, conforme citado pelo P40:

P40: Estou tentando romper a educação tradicional então não reproduzo aspectos que vivi. A não ser a o respeito as pessoas, as diferenças de opiniões e a posse (o que é seu é seu o que é do outro é do outro)

Quatro respostas (7,5%) se enquadram no tema “Outros”. Não houve resposta de 5 participantes.

A Tabela 5 apresenta os temas (e características de cada) extraídos das repostas à pergunta 2.

Tabela 5

Análise Temática: Q.2. Que práticas parentais seus pais utilizaram com você e que você tenta NÃO reproduzir com seus filhos?

Tema	Característica
Punição	Uso de punições físicas (e.g., palmadas, socos, bater com objetos) e verbais (e.g., ofensas, broncas rígidas) e uso de castigos (não foram especificados o tipo).
Ausência	Ausência física, de diálogo e afetos.
Abuso Emocional	Falas que diminuía a capacidade do filho. Provocar medo e ameaçar (e.g., ameaça de abandono e de punição física). Não respeitar os limites.
Altas Expectativas	Atribuição de responsabilidades desalinhadas com o que se espera de uma criança e valorizar excessivamente as conquistas, estudos e futuro profissional, escolhendo o caminho a ser seguido.
Relação Conjugal	Relação matrimonial conturbada e os impactos na criação do filho.
Todas as práticas	Busca não reproduzir o que os pais aplicaram.
Sem Resposta	Não responderam.
Outros	Refere-se a categorias que não foram contempladas por outros temas (e.g., abuso de substâncias como álcool e drogas, e passividade com relação a criação)

As práticas punitivas foram as que mais apareceram na segunda pergunta do questionário, assim, vinte e nove (54,7%) das pessoas disseram não buscar aplicar punição em

seus filhos. O tema Abuso Emocional foi o segundo mais encontrado, tendo aparecido onze vezes (20,7%). O tema Ausência foi citado por oito participantes (15%). O Participante 9, por exemplo, cita os três temas em sua resposta: *“Violência física e psicológica; Ausência de diálogo; Ausência de manifestação dos sentimentos; Pressões emocionais conflituosas e tóxicas.”*

Quatro pais responderam de acordo com o tema Altas Expectativas. Três são os pais que buscam não repetir a Relação Conjugal de seus entes. Oito pessoas (15%) não responderam à pergunta.

O tema “Outros” foi citado três vezes (5,6%), e nele se enquadram as categorias que não foram contempladas por outras, como o uso de substâncias psicoativas. O Participante 22, por exemplo, cita os temas Punição, Ausência, e se enquadra em Outros por citar a passividade no cuidado e o uso de substâncias.

P22: bater, estar ausente, uso de drogas e bebidas, repassar os cuidados todos para alguém, apesar de ter babá tento ser o maximo presente e usar os serviços para o necessário mas tb me permitir ter um minimo de tempo pra mim e conseguir me dedicar ao meu trabalho.

A Tabela 6 apresenta os temas (e características) identificados nas respostas à pergunta 3.

Tabela 6

Análise Temática: Q.3. Você já leu algum material sobre educação parental? Se sim, você consegue lembrar fontes de informação que foram particularmente úteis? Quais?

Tema	Características
Usou materiais	Fez uso de materiais impressos (e.g., livros, cartilhas) e eletrônicos (e.g., <i>podcasts</i> , vídeos, sites e páginas no <i>instagram</i>)

Não usou materiais	Relataram “nunca usar” e “nunca precisar”
Não se lembram	Relatam não lembrar se foram usados materiais
Apoio externo	Aprendem no dia a dia e com a ajuda de outras pessoas (e.g., pediatra)
Sem resposta	Não responderam à pergunta

Vinte e um pais (39,6%) relataram usar materiais de apoio e 24 (45,3%) não utilizaram nenhum material. Dois (3,8%) não se lembram de terem usado material de apoio, assim como 2 (3,8%) relataram usar de apoio externo para aprender sobre educação parental. Não houve resposta de 4 participantes (7,5%).

Os temas que emergiram nas respostas à questão 4 são apresentados na Tabela 7.

Tabela 7

Análise Temática: Q.4. O que você acha importante garantir na educação de seus filhos(as)?

Tema	Características
Respeito	Compreende respostas relacionadas ao respeito entre a relação parental e para com os outros, envolvendo compreensão, diálogo, confiança e liberdade de escolha.
Autoridade	Demonstrar firmeza nas palavras como método disciplinar e educativo.
Bem-estar	Promover um ambiente acolhedor e afetuoso, que promova felicidade e equilíbrio emocional.

Estimulação	Compreende a estimulação dos filhos nos contextos educacionais e sociais, visando encorajá-los a cultivar autonomia em suas atitudes e emoções, promovendo o desenvolvimento de senso crítico e empatia. Esse tema também abrange a promoção da espiritualidade.
Proteção	Respostas que estão relacionadas a um ambiente de segurança física e emocional.
Afeto	Envolve demonstrações de amor e acolhimento.
Valores éticos	Garantir que adquiram valores morais, respeito para com o outro, com o ambiente e animais. Que saibam seu valor e o valor de bens materiais.
Incompreensível	Respostas que ficaram incompreensíveis (e.g., responderam “sim” e “sim, totalmente”).
Sem resposta	Não responderam à pergunta.

Na quarta pergunta do questionário, o tema Estimulação foi o mais frequente, tendo sido mencionado por 23 participantes (43,4%). Vinte e um participantes (39,6%) consideram importante garantir Valores Éticos na educação de seus filhos. Bem-estar foi encontrado em 7 respostas (13%). Já os temas Proteção e Afeto foram encontrados em 6 respostas (11,3%) cada. O Participante 38, por exemplo, contempla tais temas:

P.38: Puxa, essa é uma pergunta complexa. Na educação formal entendo que meus filhos precisam se apropriar do máximo de conhecimentos historicamente produzidos,

compreendendo como o mundo funciona em suas múltiplas perspectivas. Na Educação geral entendo que meus filhos precisam aprender o que é certo e errado, sem precisar acreditar em um deus para isso. Tento ensinar como se portar, o que fazer e como respeitar os outros. Tento pelo exemplo mostrar afeto, carinho e cuidado.

Doze respostas (22,6%) continham o tema Respeito. O tema Autoridade foi mencionado por 3 participantes (5,7%). Quatro participantes não responderam (7,5%) e 2 perguntas (3,7%) foram respondidas de forma incompreensível (e.g., “sim” e “sim, totalmente”).

Os temas identificados nas respostas à pergunta 5 são apresentados na Tabela 8.

Tabela 8

Análise Temática: Q.5. Como você costuma lidar com comportamentos considerados inadequados e seus filhos(as)?

Tema	Características
Diálogo	Busca conversar para compreender os motivos pelo qual a criança agiu daquela forma, chamando a atenção com firmeza caso necessário e buscando auxiliar na resolução do problema.
Acolhimento	Apoia e acolhe o sentimento da criança.
Punição	Mostra que está descontente com a atitude do filho(a) através de repreensão verbal, retirada de objetos e/ou privilégios, punição física e/ou castigos.
Não agindo	Não intervém, pois, acredita que o/a filho(a) é capaz de lidar com as próprias atitudes e consequências.

Incompreensível	Respostas que ficaram incompreensíveis (e.g., “às vezes”)
Sem Resposta	Não responderam à pergunta.

Diálogo foi o tema mais presente nas respostas, tendo aparecido 44 vezes (83%). Punição foi o segundo tema mais encontrado nas respostas, tendo aparecido em 18 respostas (34%). Foi observado, também, que os temas Diálogo e Punição apareceram juntos em 15 respostas (28,3%), como no caso do Participante 20:

P.20: Não sou agressivo, mas sou bastante firme. Explico para ele que esse comportamento não é adequado na hora e permaneço com ele até que a birra termine. Se for necessário impor algum castigo, não volto atrás. Costumo também puxar o assunto e conversar sobre o ocorrido em um momento de mais tranquilidade (normalmente antes de dormir).

Acolhimento foi registrado em 5 respostas (9,4%). Uma resposta (1,9%) foi de um pai que relatou não agir diante de comportamentos inadequados. Por fim, uma resposta (1,9%) foi incompreensível e 4 (7,5%) pessoas não responderam à pergunta.

As respostas da Questão 6 foram analisadas, dando origem aos temas dispostos na Tabela 9.

Tabela 9

Análise Temática: Q.6. O que você costuma fazer quando seus filhos(as) se comportam bem?

Tema	Características
Palavras de afirmação	Parabeniza seu filho(a), encorajando-o a seguir esse caminho. Faz elogios pessoais e de processo (e.g., “Você se esforçou!”). Diz que está orgulhoso e que o ama.

Atos de orgulho	Demonstra seu orgulho através de atitudes, como abraços, beijos e carinhos. Dá atenção ao que ele tem a dizer.
Privilégios	Promove um momento de passeio e brincadeiras diferentes das quais estão acostumados a fazer no cotidiano.
Nada	Não acredita ser benéfico valorizar de alguma forma para não se tornar uma relação de troca. Acredita que a valorização deve ser contínua. Acredita não ser necessário fazer algo específico pois seu filho sempre se comporta bem.
Sem resposta	Não respondeu à pergunta.

No que diz respeito aos comportamentos considerados adequados, foi identificado o tem “Palavras de Afirmação” em 41 respostas (77,3%). “Atos de Orgulho” foi o segundo tema mais mencionado, sendo retratado em 11 respostas (20,7%). Em 8 respostas (15%) os pais afirmaram usar de privilégios como forma de reconhecimento do bom comportamento. Cinco participantes (9,4%) afirmaram não fazer nada quando seus filhos se comportam bem, como no caso de P36: *“Apresento comportamento normal, sem oferecer recompensas pelo que é dever ou direito de todos.”*. Na mesma direção, P6 argumenta:

P.6: Na minha opinião, esse relacionamento com meu filho, em casa não tenho essas trocas de favores ou em relação a boa nota. Aqui ele me ajuda no que pode e sempre oriento em questão de boas notas e cuidado com seu material levado a escola.

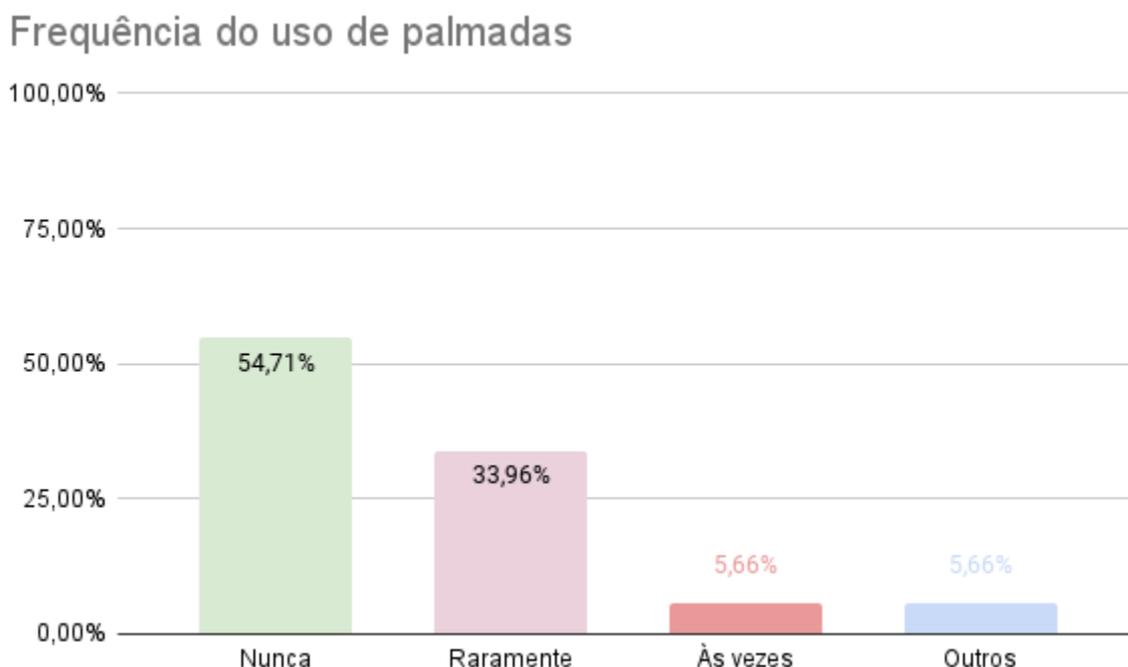
Três (5,6%) participantes não responderam à pergunta.

A pergunta 7, “Com que frequência você usa palmadas como consequência para comportamentos inadequados?”, era uma pergunta de múltipla escolha com as opções

“Nunca”, “Raramente”, “Às vezes”, “Frequentemente”, “Sempre” e “Outros...”. Esta última poderia ser respondida de forma discursiva. A Figura 2 apresenta o gráfico com as respostas.

Figura 2

Q.7. Com que frequência você usa palmadas como consequência para comportamentos inadequados?



Os participantes que responderam “outros” destacaram:

P.34: *“Isso já aconteceu quando ele era mais novo, entre 2-3 anos. Mas desde então nunca houve episódios de palmadas.”*

P.36: *“em situações extremas, após esgotar todas as opções, escolhas e comportamentos do filho(a). Será a última opção.”*

P.55: *“Muito raro, acredito que foi uma ou duas vezes.”*

Os seguintes temas foram identificados nas respostas à pergunta 8 (ver Tabela 10):

Tabela 10

Análise temática: Q.8. O que você pensa sobre o uso de palmadas como consequência de comportamentos inadequados?

Tema	Características
Concorda com o uso	Concorda completamente com o uso de palmadas.
Concorda Parcialmente	Concorda apenas em situações e condições específicas (e.g. após tentar outros métodos que não surtiram efeito, sem usar excesso de força, não marcando o corpo da criança e até certa idade, para que não surjam traumas).
Acha Ineficiente	Não acredita ser uma forma educativa, podendo ter usado em algumas situações e se arrependido depois.
Discorda	Discorda veementemente do uso de palmadas ou qualquer tipo de violência física.
Não responderam à pergunta diretamente	Respostas em que disseram não utilizar na criação de seu filho, porém não fica claro se é favorável ou não ao uso.
Sem resposta	Não responderam à pergunta.

Dezoito participantes (34%) discordam do uso de palmadas e 11 participantes (20,7%) acreditam ser um método ineficiente, podendo ter usado em um momento específico e se arrependido depois, como descreve o Participante 20:

P. 20: Eu já usei palmadas quando eles eram pequenos (até 2-3 anos) e percebi que o resultado era bem ruim. A palmada gera estresse e raiva tanto neles quanto em nós pais, normalmente levando a uma escalada de agressividade em todos ao redor.

Sete participantes (13,2%) concordam completamente com o uso de palmadas e 12 participantes (22,6%) relataram concordar apenas em situações e condições específicas, como no caso do Participante 15 e Participante 50:

P.15: Minha filha nunca levou palmada, pois, ela sempre entende e teve um comportamento calmo e tranquilo, porém, meu filho é mais ativo e acaba não respeitando a mãe. Raramente dou palmada mas ele está crescendo e começando a perceber que seu comportamento não foi adequado e por isso aconteceu de levar palmada (sempre na mão). Fui criado assim e acho que funciona, apesar de ficar angustiado quando acontece.

P.50: Acho que a palmada só tem efeito bom quando funciona para dar um susto na criança (pelo barulho ou chacoalhão), nunca foi para machucar ou agredir. Para impor respeito nos momento de muita birra ou quando a criança está fora do controle e não está ouvindo nada. Como forma de mostrar que a situação ficou séria mesmo, não é brincadeira.

Três respostas (5,6%) não contemplam a pergunta, uma vez que não especificam se concordam ou não. Dois participantes (3,7%) não responderam.

Nas respostas da pergunta 9, foram identificados os temas presentes na Tabela 11.

Tabela 11

Análise Temática: Q.9. Você consegue identificar alguma prática alternativa e eficiente ao uso de palmadas? Quais?

Tema	Características
-------------	------------------------

Punição sem violência física	Acreditam que outras formas de punição, que não contemplem punição física, são eficientes (e.g. castigos, retiradas de privilégios, colocá-lo em um “canto do pensamento”). Punição emocional/psicológica (e.g., ignorar a criança) também é uma categoria neste tema.
Diálogo	Conversar de maneira firme, explicitando o comportamento inadequado.
Não vê alternativas	Acredita que não há alternativas para o uso de palmadas.
Outros	Tema que contempla a recusa do participante em responder e uma resposta incompreensível.
Sem respostas	Não respondeu à pergunta.

Houve 29 respostas (54,7%) de participantes que consideram o diálogo como melhor alternativa ao uso de palmadas. Vinte e um participantes (39,6%) acreditam que a punição sem violência física seja uma forma válida, assim como na pergunta 5, os temas Diálogo e Punição aparecem juntos em algumas respostas, como no caso do Participante 55:

P.55: Conversar, explicar as consequências, e por ultimo impor sua autoridade para finalizar a discussão/briga e esperar todos se acalmarem para iniciar uma conversa mais seria e como consequência castigo (sempre explicando o porque aquilo esta acontecendo).

Por outro lado, 8 participantes (15%) acreditam não haver alternativas, como o Participante 5, que acredita que a dor ensina: “*Sim/a dor é um bom professor*”; e o Participante 51, que cita experiências passadas e se coloca favorável ao uso caso necessário: “*Não*

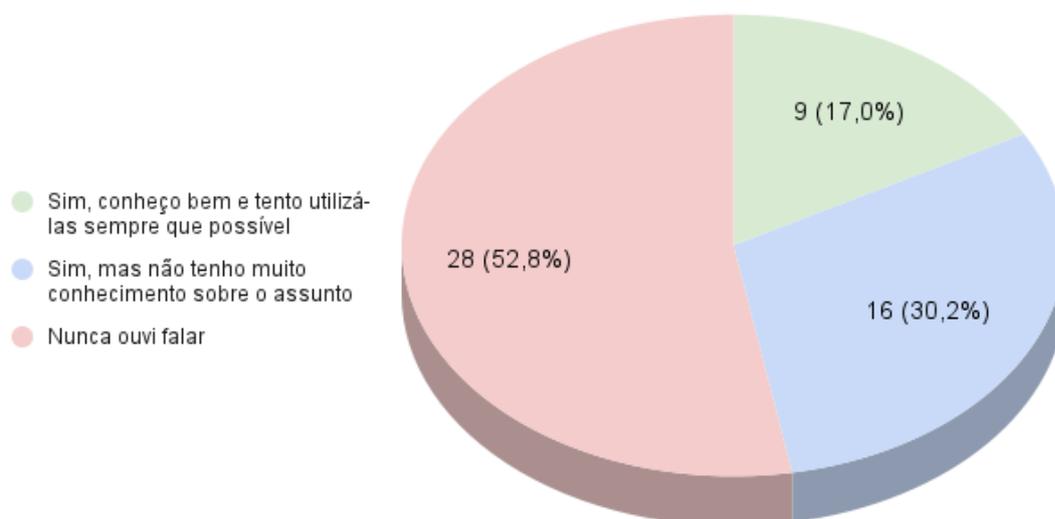
precisamos fazer isso, mas eu recebia palmadas quando pequeno...isso fazia eu ter medo e não fazer as coisas erradas.... levo isso comigo, umas palmadas não mata ninguém”.

Três participantes (5,6%) não responderam à pergunta. O tema Outros aparece nas respostas de 2 participantes (3,7%): um recusou-se a responder, pois não legitima a palmada como um método a ser aplicado e outro não respondeu de forma compreensível (i. e., respondeu: “sim, diminui o enfrentamento da criança”).

A décima pergunta do questionário era uma pergunta de múltipla escolha. Foi perguntado aos participantes se eles já ouviram sobre práticas parentais positivas ou parentalidade positiva. As respostas podem ser visualizadas na Figura 3:

Figura 3

Você já ouviu falar sobre práticas parentais positivas ou parentalidade positiva?



Após perguntar sobre o conhecimento acerca de práticas parentais positivas ou parentalidade positiva, foi solicitado que os participantes explicassem o que sabiam sobre tais práticas, as respostas foram tematizadas, como pode ser observado na Tabela 12.

Tabela 12

Análise temática: Q.11. Caso tenha respondido que sim na pergunta acima, o que você sabe sobre práticas parentais positivas ou parentalidade positiva?

Tema	Características
Promoção de diálogo	Buscar sempre conversar e cultivar um ambiente aberto à diálogos.
Disciplina Afetuosa	Ser assertivo e cuidadoso nos momentos que requerem firmeza disciplinar.
Compreensão	Compreender limites cognitivos e emocionais de uma criança de acordo com sua idade e desenvolvimento, não sendo “adultocentrista”. Além disso, buscar compreender seus processos enquanto pai.
Estimulação	Estimular a criança para que ela se desenvolva emocionalmente
Reforço Positivo	Reforçar positivamente os comportamentos adequados da criança (não foi especificado o que é entendido por reforço positivo)
Ausência de violência	Não se valer da punição física como método educativo.
Outros	Contempla respostas que não se encaixam em outros temas (e.g., não acha eficiente, apesar de conhecer pouco; ações positivas; “teoria polivagal”)

Sem respostas

Não respondeu à pergunta.

Trinta e três participantes (62,2%) não responderam à pergunta. O tema Promoção de Diálogo e Compreensão foram identificados em 8 respostas (15% cada), seguido do tema Disciplina Afetuosa, que foi mencionado em 6 respostas (11,3%). Reforço Positivo e Estimulação foram temas mencionados 4 vezes (7,5% cada). Três participantes (5,6%) citaram o tema Ausência de Violência e 5 respostas (9,4%) se enquadram no tema Outros.

O Participante 9, por exemplo, contempla os temas: Promoção de Diálogo, Disciplina Afetuosa; Compreensão e Estimulação

P.9: Nosso conhecimento sobre o assunto é o resultado do que aprendemos nas palestras que assistimos sobre o tema, conforme referi acima, mas sobretudo do desejo que eu e minha esposa nutrimos em relação a criação que desejamos fornecer a nosso filho a partir da criação que tivemos acesso, dos pontos positivos e negativos que vivenciamos em nossa infância. Sobre as práticas positivas ou parentalidade positiva percebemos que entorno de nossos filhos gravitam múltiplas técnicas que visam a validação e respeito aos sentimentos, práticas de encorajamento frente aos desafios diários, mediante o respeito de características pessoais, estabelecimento de pontos de conexão familiar, respeito ao estágio de desenvolvimento neurológico em que nossos filhos se encontram, auto-cuidado e reconhecimento da falibilidade dos pais nesse processo, necessidade da aplicação amorosa da educação em todas as suas formas, necessidade de organização do tempo e da efetiva atenção aos estágios de desenvolvimento do filho etc...

Discussão

O presente estudo teve como objetivo investigar as percepções paternas sobre práticas parentais positivas e negativas, bem como identificar se os pais possuem conhecimento sobre tais práticas. Para alcançar o objetivo, foi empregado o Inventário de Estilos Parentais (IEP) e um questionário aberto, criado para esta pesquisa, com perguntas que visavam coletar as percepções sobre as práticas positivas e negativas.

Os resultados do IEP, quando comparados às respostas abertas, levam a algumas reflexões particulares. Os escores finais de cinco participantes foram negativos, sendo quatro deles classificados de acordo com o Estilo Parental de Risco, ou seja, são pais que utilizam predominantemente práticas negativas e que são aconselhados a participarem de programas de intervenção terapêutica (Gomide, 2006). P04, que teve uma pontuação -3, relatou em suas respostas abertas ter utilizado materiais de apoio que tratam sobre paternidade e acredita que o uso de palmadas não é o ideal, embora utilize raramente. Por sua vez, P29, cuja pontuação no IEP foi -11, embora tenha dito não buscar repetir as atitudes de seus pais que utilizavam de violência física com objetos (e.g., cinto) e com socos, relatou acreditar que as palmadas são necessárias em alguns momentos pois “diminuem o enfrentamento da criança”. É possível, portanto, que este participante reconheça os danos resultantes dos abusos físicos vivenciados, mas ele ainda reproduz um modelo de punição corporal como sendo a única possibilidade de lidar com comportamentos inadequados.

É importante lembrar que o abuso físico se diferencia da punição corporal sendo caracterizado por ações que podem causar injúrias físicas graves, enquanto a punição corporal é marcada por ações que provocam dano físico, porém não colocam a vida da criança em risco (Gershoff, 2002). A fala deste pai é consistente com os achados de Rodrigues & Chalhub (2014) que identificou que a vivência violenta em uma família pode fazer com que, ao se tornar pai, o indivíduo possa manter tais padrões disfuncionais.

P37, por sua vez, pontuou -3 e não respondeu 8 de 9 perguntas abertas. Ele relatou que seu filho tem Síndrome de Down e, portanto, não achava que fazia sentido responder as perguntas. Por fim, P42, que pontuou -7, respondeu achar que uso de palmadas é inadequado, mas demonstrou distanciamento de materiais teóricos sobre educação e práticas parentais, além de responder que não costuma elogiar quando seu filho se comporta bem.

Quando observadas as respostas dos pais que se enquadram no Estilo Parental Regular, sejam eles pais com estilo “Acima” ou “Abaixo” da Média, há predominância de respostas que relatam nunca (13) ou raramente (10) ter utilizado de palmadas como forma de lidar com comportamentos inadequados. Estes pais também mencionam o uso do diálogo em situações de comportamentos inadequados, embora, em sua maioria, admitam recorrer a práticas punitivas (e.g., castigos e retiradas de privilégios) quando julgarem necessário. Destaca-se, entretanto, a fala de P05, que apesar de se enquadrar em um Estilo Parental “Regular Acima da Média”, em que há predominância de práticas parentais positivas, mas não a ausência de práticas negativas, relatou ser totalmente a favor do uso de palmadas por julgar a dor como “um bom professor”. Acredita-se que, por não ter utilizado a prática de palmada, até o momento, seu escore tenha sido mais alto.

Gomide (2006) define por Estilo Parental Ótimo aquele que possui “presença marcante das práticas parentais positivas e ausência das práticas negativas” (p.57). Neste estudo, 25 pais tiveram suas pontuações no IEP que se adequaram ao percentual estipulado para este estilo parental. Quinze deles relataram nunca utilizarem palmadas com seus filhos e em sua maioria, os pais citaram ser veementemente contrários ao uso de punição física. Alguns relataram terem usado e se arrependido ou terem se sentido angustiados ao usar. De fato, as respostas abertas parecem estar alinhadas com o resultado do IEP ao indicarem uma preferência dos pais por transmitir aos seus filhos valores éticos, como honestidade, respeito, cooperação etc., pontos estes que estão ligados à prática educativa positiva chamada de “Comportamento Moral”. A

moralidade é um comportamento que se desenvolve em conformidade com os contextos sociais, sendo influenciada pelas contingências de reforço e punição (Schlinger, 1995). Em paralelo, estes pais apresentaram forte inclinação a práticas educativas que são classificadas por Gomide (2006) como “Monitoria Positiva” que envolve atenção, proteção, compreensão, apoio e suporte. Ambas as práticas caracterizam o estilo de cuidado autoritativo (*authoritative*).

Pesquisas indicam que pais que seguem um estilo autoritativo, ou seja, aqueles que são comunicativos, afetuosos e ao mesmo tempo firmes em relação aos limites, respeitando também a individualidade da criança (Baumrind, 1971), possuem maior chance de terem filhos com maior nível de raciocínio e comportamentos morais pró-sociais (Janssens & Dekovic, 1997).

Por outro lado, foi observado na resposta do P51 algumas discrepâncias. Apesar do participante se enquadrar em Estilo Parental Ótimo, pontuando 14 no IEP, suas respostas no questionário aberto indicam uma inclinação a práticas parentais negativas, mais especificamente à prática chamada Abuso Físico, uma vez que o participante relata “não admitir” comportamento inadequados, além de se declarar abertamente favorável ao uso de palmadas, embora não tenha tido “a necessidade de usá-las”. O participante complementa que recebia palmadas quando era pequeno e que tal prática “não mata ninguém”. Acredita-se que tal participante possa estar sob o viés da desejabilidade social. Em pesquisas que fazem uso de medidas de autorrelato, isso acontece quando um participante responde de acordo com o que acredita ser mais aceitável socialmente ao invés de expor suas ideias e/ou comportamentos verdadeiros (Bispo, 2022).

Além disso, um ponto que chama a atenção é o preparo dos pais no que diz respeito à educação parental. Apesar de maior parte (45,3%) dos participantes relataram não terem utilizado nenhum material de apoio, 39,6% relataram terem utilizado materiais que abordam a educação parental. Tal dado pode ser um indicativo de que os pais estão buscando compreender

mais e, possivelmente, serem mais ativos na educação de seus filhos. Neste sentido, é importante destacar que a literatura sobre envolvimento paterno vem aumentando nos últimos anos (Diniz et. al. 2021), demonstrando um maior interesse dos pais em participarem dos processos educacionais, bem como um desejo de “sentirem-se pais” (Cenerini & Messina, 2019).

Considerações Finais

Embora esta pesquisa tenha levantado importantes considerações no que diz respeito ao entendimento das figuras paternas sobre práticas parentais, é importante destacar algumas limitações. Apesar do estudo superar as expectativas em termos de amostragem, inicialmente prevista como sendo de 35 participantes, os pais que participaram da pesquisa foram majoritariamente brancos, além disso, no formulário de coleta não foram solicitados dados sobre perfil sociodemográfico e socioeconômico, que seriam importantes para uma possível generalização dos resultados. Assim, sugere-se que novas pesquisas relacionadas à temática da perspectiva paterna da parentalidade prevejam a obtenção destes dados.

Apesar das limitações apresentadas, esta pesquisa traz uma contribuição significativa para a Psicologia, sobretudo para o avanço do campo de pesquisa sobre parentalidade no Brasil, ao documentar a singular visão de cada participante acerca do exercício da paternidade. Os resultados aqui descritos sugerem que as pessoas que exercem a função paterna têm o desejo de serem mais ouvidas e de participarem ativamente do cuidado de seus filhos. Espera-se que esta monografia incentive outros pesquisadores a direcionarem o seu olhar para as figuras paternas, oferecendo novas oportunidades para que as suas vozes sejam ouvidas e registradas.

Referências

- ANDI (2015). *Castigos físicos e humilhantes*. Brasília: ANDI/Red Andi/ Save the Children. <https://andi.org.br/publicacoes/castigos-fisicos-e-humilhantes-guia-de-referencia-para-a-cobertura-jornalistica/>
- Bispo Júnior, J. P. (2022). Viés de desajustabilidade social na pesquisa qualitativa em saúde. *Revista de Saúde Pública*, 56.
- Cabrera, N. J., Volling, B. L., & Barr, R. (2018). Fathers Are Parents, Too! Widening the Lens on Parenting for Children's Development. *Child Development Perspectives*, 12(3), 152–157. <https://doi.org/10.1111/cdep.12275>
- Carvalho, O., Lobo, C. C., Menezes, J., & Oliveira, B. (2019). The value of parental education practices: Vision of professionals. *Ensaio*, 27(104), 654–684. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362019002701653>
- Cassoni, C. (2013). *Estilos parentais e práticas educativas parentais: revisão sistemática e crítica da literatura*. <https://doi.org/10.11606/D.59.2013.tde-14122013-105111>
- Cenerini, M. V., & Messina, D. (2019). A 'strong enough' father. Observations from groups for expectant and new fathers. *Infant Observation*, 22(2-3), 147-164.
- Diniz, E., Brandao, T., Monteiro, L., & Verissimo, M. (2021). Father involvement during early childhood: A systematic review of the literature. *Journal of Family Theory & Review*, 13(1), 77-99.
- Lei N° 13.010, de 26 de Junho de 2014 (2014). https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/113010.htm
- Finkelhor, D., Turner, H., Wormuth, B. K., Vanderminden, J., & Hamby, S. (2019). Corporal Punishment: Current Rates from a National Survey. *Journal of Child*

and Family Studies, 28(7), 1991–1997. <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01426-4>

Gershoff, E. T. (2002). Corporal punishment by 46arentes and associated child behaviors and experiences: A meta-analytic and theoretical review.

Psychological Bulletin, 128, 4, 539–579. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.128.4.539>

Gomide, P. I. C. (2011). *Inventário de Estilos Parentais – IEP: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação* (2. Ed.). São Paulo: Ed. Vozes.

Gomide, P. I. C., de Salva, G. C., Pinheiro, D. P. N., & Sabbag, G. M. (2004).

Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. Psico-usf, 10(2), 169–178.

<https://doi.org/doi.org/10.1590/S1413-82712005000200008>

Gomide, P. S. I. P., & Sampaio, I. T. A. (2007). Inventário de estilos parentais (IEP)– Gomide (2006) percurso de padronização e normatização. *Psicol. Argum*, 25(48), 15-26.

Hoffman, M. L. (1975). Moral Internalization, Parental Power, and the Nature of Parent-Child Interaction. *Developmental Psychology*, 11 (2).

Janssens, J. M., & Deković, M. (1997). Child rearing, prosocial moral reasoning, and prosocial behaviour. *International Journal of Behavioral Development*, 20(3), 509-527.

Linhares, M. B. M., Altafim, E. R. P., & Lotto, C. R. PARENTALIDADE, REGULAÇÃO EMOCIONAL E COMPORTAMENTAL MATERNA E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA. *PARENTALIDADE (RESPONSÁVEL): investigações, intervenções e programas*, 71.

- Landry, S. H., Smith, K. E., & Swank, P. R. (2006). *Responsive Parenting: Establishing Early Foundations for Social, Communication, and Independent Problem-Solving Skills*. <https://doi.org/10.1037/0012>
- Prado, J.C., & Abrão, J. L. F. (2014). Paternidade: um estudo sobre pesquisas desenvolvidas no contexto brasileiro. *Colloquium Humanarum*, 11(1), 94–112. <https://doi.org/10.5747/ch.2014.v11.n1.h152>
- Comité de Ministros do Conselho da Europa. (2006). Recomendação REC(2006)19 do Comité de Ministros do Conselho da Europa para os Estados-Membros sobre a política de apoio à Parentalidade Positiva. Recuperado de <https://www.cnpdpj.gov.pt/parentalidade-positiva>
- Ribeiro, F. B. (2014). Governo dos adultos, governo das crianças: Agentes, práticas e discursos a partir da « lei da palmada. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, 13(2), 292. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2013.2.15480>
- Rocha, C., & Araújo, G. (2023). A relação educativa na creche como forma de parentalidade positiva: contributos de uma etnografia em creches de Portugal. *Revista Brasileira de Educação*, 28. <https://doi.org/10.1590/s1413-24782023280003>
- Rodrigues, L. S., & Chalhub, A. A. (2014). Contextos familiares violentos: da vivência de filho à experiência de pai. *Pensando famílias*, 18(2), 77-92.
- Rodrigues, M. F. S. (2019). *Efeitos de um programa preventivo de orientação parental com base em práticas positivas: coletânea de casos*. (Dissertação de mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil. Recuperado de <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/22756>

- Sampaio, I. T. A., & Gomide, P. I. C. (2017). Inventário de Estilos Parentais (IEP) – Gomide (2006) Percurso De Padronização E Normatização. *Psicologia Argumento*, 25(48), 15. <https://doi.org/10.7213/psicolargum.v25i48.19675>
- Shaffer, D. R., & Kipp, K. (2013). *Developmental psychology: Childhood and adolescence*. Cengage Learning.
- Schlenger, Jr. H. (1995). Social and emotional development II: moral behavior. In Schlinger, H. *A behavior analytic view of child development*. Nova York: Plenum Press, p. 215-242
- Sociedade Brasileira de Pediatria. (2023). Diga não à violência. Recuperado de <https://www.sbp.com.br/especiais/violencia-infantil/>
- Souza, L. K. D. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos brasileiros de psicologia*. Rio de Janeiro. Vol. 71, n. 2 (maio/ago. 2019), p. 51-67.
- Sorj, B., & Fraga, A. B. (2022). Maternity and paternity leave in Brazil: Rights and social inequalities. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 39. <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0193>
- Todorov, J. C. (2001). Quem tem medo de punição? *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 3(1), 37–40. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452001000100004&lng=pt&tlng=pt.](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452001000100004&lng=pt&tlng=pt)
- UNICEF. ([s.d.]). *Convenção sobre os Direitos da Criança*.
- Weber, L. N. D., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). O uso de palmadas e surras como prática educativa. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(2), 227–237. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000200004>

Apêndice 1

Questionário de Práticas Parentais

1. Que práticas parentais seus pais utilizaram com você e que você tenta reproduzir com seus filhos?

2. Que práticas parentais seus pais utilizaram com você e que você tenta **NÃO** reproduzir com seus filhos?

4. Você já leu algum material sobre educação parental? Se sim, você consegue lembrar fontes de informação que foram particularmente úteis? Quais?

Ex.: cursos, livros, cartilhas, etc.

5. O que você acha importante garantir na educação de seus filhos(as)?

6. Como você costuma lidar com comportamentos considerados inadequados de seus filhos(as)?

Ex.: birras, gritos, brigas com irmão ou colegas, etc.

7. O que você costuma fazer quando seus filhos(as) se comportam bem?

Ex.: Tiram notas boas, obedecem às ordens, arrumam o quarto, etc.

8. Com que frequência você usa palmadas como consequência para comportamentos inadequados?

Nunca

Raramente

Às vezes

Frequentemente

Sempre

Outros:

9. O que você pensa sobre o uso de palmadas como consequência de comportamentos inadequados?
10. Você consegue identificar alguma prática alternativa e eficiente ao uso de palmadas? Quais?
11. Você já ouviu falar sobre práticas parentais positivas ou parentalidade positiva?
- Sim, conheço bem e tento utilizá-las sempre que possível
 - Sim, mas não tenho muito conhecimento sobre o assunto
 - Nunca ouvi falar
 - Outros:
12. Caso tenha respondido que sim na pergunta acima, o que você sabe sobre práticas parentais positivas ou parentalidade positiva?